

EDITORIAL

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v1i2.7090>

Neste final do segundo semestre de 2017, o grupo de pesquisa **Walter Benjamin: tradução, linguagem e experiência** do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, sob a liderança da profa. Ana Helena Rossi, anuncia com muito prazer o lançamento do segundo número da revista *caleidoscópio: linguagem e tradução*, que homenageia o grande escritor brasileiro João Guimarães Rosa (1908-1967) em razão dos cinquenta anos de sua morte.

O escopo da revista é relacionar a tradução com a produção do conhecimento em seu sentido mais amplo, na medida em que produzir conhecimento se refere a uma questão de linguagem. Sabe-se que construir o pensamento remete a séries contínuas de metamorfoses textuais (as famosas reescrituras), *locus* no qual se constroem os argumentos ao organizar a tessitura do texto operada no âmago da linguagem que perfaz a complexidade do mundo que lhe dá forma. Assim, construir o pensamento remete ao ato de nomear o mundo dentro de uma cadeia de significação/ressignificação linguística que encontra o seu *locus* na tradução. Nesse sentido, a tradução é posicionada como *locus* central para a construção do conhecimento, pois trata-se de identificar a genealogia do conhecimento. A construção do conhecimento caminha lado a lado à tradução, embora este pensar ainda seja percebido como algo relativamente novo. Eis o escopo da revista. Os textos ora apresentados sobrem esta visada.

Temos, na seção Artigos, quatro textos que problematizam a tradução como *locus* de conhecimento. O texto em francês de Jean Delisle intitulado *La traduction littéraire ou l'art de « faire reflourir les déserts de sens »* focaliza o processo criativo de reescritura da tradução literária no qual o tradutor, figura que se torna visível dentro desse processo, não traduz apenas palavras, mas traduz a poética, criando um novo texto. Trazendo à luz os trabalhos de Henri Meschonnic sobre a poética, Jean Delisle discute pares de conceitos aparentemente dicotômicos como *literalismo x literariedade*, *historicismo x historicidade*, *retradução ativa x retradução passiva*, *tradução-obra x fidelidade*, a fim de mostrar como o trabalho do tradutor é sempre um texto autoral cuja tarefa se estende para além da única busca do sentido e da literalidade. Ampliando a questão para a filosofia, a tradução de textos filosóficos é criação e arte. A tradução é discutida em seus aspectos interculturais, isto é, relacionando línguas e culturas, como é o caso do texto de Jacques

Leenhardt intitulado de « *Tupi or not tupi, that is the question* » : *Réflexions sur la dimension interculturelle de la traduction* ». O recorte espacial integra quatro autores que tratam da alteridade dentro da visada antropológica: Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Fernando Ortiz e Édouard Glissant. Balizando a reflexão a partir de conceitos como *transculturação* e *culturação* até chegar ao *Manifesto Antropófago* (1928), a questão « *Tupi or not tupi, that is the question* » carnavaliza uma das frases centrais da cultura europeia, e reposiciona a pergunta do escritor lisabetano ao nível do gesto singular das lutas de poder locais elevadas à condição de exemplo universal. A paródia é uma inversão antropofágica por excelência. O texto de Mathieu Dosse, *En traduisant Guimarães Rosa* discute a tradução enquanto experiência que parte da singularidade da escritura roseana criada no âmbito da linguagem oral do sertão mineiro. Para o tradutor, trata-se de investigar a oralidade ficcional que carrega a narrativa de maneira potente, levando consigo uma verdade presente na linguagem oral no Brasil sob a forma de um tipo de sabedoria popular. Eis porquê é fundamental criar uma escritura em francês tão forte quanto é a de Guimarães Rosa em português para restituir a potência da linguagem. Exemplos ilustram a problemática do tradutor, assim o termo «*solidão*», e a tradução de neologismos que compõem a linguagem e o jogo com a linguagem. Logo, segue a pergunta do tradutor: « *Comment faire parler un Indien du sertão ?* », [Como fazer falar em francês um índio do sertão?]. Daí decorre a responsabilidade do tradutor quando ele traduz a obra de Guimarães Rosa. O texto de Maria Elizete Pereira dos Anjos e de Ariovaldo Lopes Pereira intitulado *A tradução na formação de professores de língua inglesa: aspectos culturais e implicações para a aprendizagem e o ensino* centra a reflexão na utilização da tradução como ferramenta na aquisição da aula de Língua 1 (L1). Observa-se como a tradução organiza o acesso ao conhecimento cultural na situação de aprendizagem. Inserida dentro de uma pesquisa de campo em sala de aula na Universidade de Goiás, a tradução instaura o diálogo entre “língua” e “cultura” – “linguacultura” – que conjuga a dimensão cultural e o aspecto linguístico a partir do aparecimento de expressões idiomáticas em língua inglesa. A pesquisa permitiu discutir com os futuros professores suas habilidades com o texto, suas competências linguísticas, além de alcançar uma autonomia maior no processo de aprendizagem por meio da tradução.

Na seção de Artigos Traduzidos, temos duas traduções de artigos. O primeiro é de autoria de Jacques Leenhardt, e traduzido por Adriana Santos Corrêa. O título é “*Tupi or not tupi, that is the question*”: reflexões sobre a dimensão intercultural da tradução.

Observa-se, além da fluidez do texto traduzido, o paratexto com as notas de tradução (NDT) que torna visível a pesquisa realizada para traduzir o texto do francês para o português. Encontram-se presentes três tipos de nota: notas de explicação bibliográfica, notas de conteúdo editorial, notas nas quais a tradutora informa que ela traduziu as citações. Estas notas mostram os níveis de intervenção da tradutora sobre o texto, além de uma compreensão epistemológica dos conceitos recriados em língua portuguesa a partir de operações gramaticais e sintáticas que o leitor lusófono agora acessa por meio da tradução. Esta postura tradutória recriou a rede conceitual de maneira inteligível, sem que o texto traduzido seja uma cópia do original. O segundo texto é de autoria de Jean Delisle, e traduzido por Lídia Rogatto. O título é *A tradução literária ou a arte de “reflorescer os desertos dos sentidos”*. O texto traduzido, bem concatenado, apresenta também três tipos de notas de tradução (NDT): notas sobre informações histórico-biográficas e conceituais, notas sobre explicação bibliográfica e notas sobre tradução de citações presentes no texto em francês. Estas notas permitem o acesso ao trabalho da tradutora no tocante à recriação do texto em língua portuguesa. Trata-se de uma postura tradutória na qual a recriação do texto foi o resultado de uma pesquisa explicitada na reescritura e nas notas de rodapé.

Na seção Entrevista, o tradutor Oleg Almeida *discute traduções do russo para o português* com Ana Helena Rossi e Sara Lelis de Oliveira. Dono de um grande conhecimento das relações que unem as literaturas russa e brasileira, assim como a história das traduções do russo para o português, Oleg Almeida situa o início das traduções da literatura russa no âmbito das relações comerciais Rússia-Europa Ocidental, facilitadas por uma elite russa profundamente francófila e francófona. Daí a importância da França como difusora da língua e da cultura russas no século XIX para o mundo, pois, por este canal francês, o leitor brasileiro acessou a literatura russa. Apesar de importante para difundir a literatura russa, a tradução indireta (russo-francês-português) não permitiu que o leitor brasileiro acessasse a alma russa de escritores como Gógol, Dostoiévski, Tolstoi. No Brasil, esta situação altera-se na segunda metade do século XX com o esforço do tradutor e professor da Universidade de São Paulo, Boris Schnaiderman, quando ele inicia a tradução direta do russo para o português.

Na seção Traduções, o texto de João Guimarães Rosa, *O espelho*, traduzido por Cláudia Suzano Almeida, e intitulado *The Mirror*, apresenta-se como um trabalho textual de qualidade no qual a tradutora esmera-se em recriar a linguagem roseana. Conforme a

tradutora explícita em seu projeto de tradução, esta tradução foi objeto de discussão em uma oficina de tradução em Ritpon, Vermont, em 2017. A interação entre tradutores identificou as estratégias tradutórias, e abriu espaço para a discussão das mesmas. Sendo o texto de Rosa uma experiência do sujeito narrador, o fator subjetividade é fundamental na construção da narrativa, de onde emergem os raciocínios. Cabe ao tradutor perseguir os meandros textuais a fim de compreender, em um primeiro momento, a estrutura da narrativa, e, em um segundo momento, recriar a engenhosidade de Rosa em língua inglesa. Vem em seguida, *O Espelho*, uma das obras-primas de João Guimarães Rosa, para apreciação do mesmo, e possibilitar indagações com a tradução em inglês.

Na seção Artes, temos três poemas de Pedro Henrique Chaves Reis em versos livres. O primeiro intitula-se *Sétimo Dia*, em que o poeta escreve sobre o que é escrever um poema. Falar da ditadura? Falar sobre as dores da tortura? Falar sobre a intolerância? Falar com Deus? O segundo poema do poeta intitula-se *Poema Prestes a ser Escrito*, e constitui uma metalinguagem sobre a escritura, além de resgatar experiências de vida, lugares (*alhures*). O terceiro poema intitula-se *Poema Recém-Terminado*, e trata sobre o que fazer do poema após terminá-lo. As escolhas são múltiplas, e, no final, o poeta indaga sobre saber quem abandona quem, se é ele ou o poema, se é o poeta que abandona o poema, ou o poema que abandona o poeta. No final, uma nota de esperança esperando alcançar a felicidade.

Boa leitura!

Ana Helena Rossi
Editora-Chefe